CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOC'S KINGDOM 2026
21 de novembro de 2026

NUESTRA VOZ DE TIERRA, MEMORIA Y FUTURO / 1982

Um filme de Marta Rodríguez, Jorge Silva

Realização: Marta Rodríguez, Jorge Silva / Argumento: Marta Rodríguez, Jorge Silva, a partir de textos originais dos indígenas de Cauca e de Arahuacos / Fotografia: Jorge Silva / Som: Ignacio Jiménez, Eduardo Burgos, Nora Drukovka / Montagem: Marta Rodríguez, Jorge Silva, Caíta Villalón / Música: Jorge López, Grupo de investigação musical Yaki Kandru / Direção Artística: René Ávila / Maquilhagem: Ricardo Duque / Com: Diego Vélez, Eulogio Gurrate, Julián Avirama e a comunidade indígena de Coconuco / Locução: Lucy Martinez, Benjamín Yepes, Santiago García
Produção: Fundación Cine Documental, com a colaboração do Instituto de Arte e Industria Cinematográfica de Cuba / Cópia: DCP (restauro Arsenal – Institut für Film und Videokunst, 2019), preto e branco, legendada em português (Brasil) / Duração: 110 minutos / Estreia Mundial: fevereiro de 1982, Festival Internacional de Cinema de Berlim / Estreia da versão restaurada: fevereiro de 2019, Berlinale / Primeira exibição na Cinemateca.

_____
Sessão apresentada por VICTOR GUIMARÃES

_____

Em 1982, NUESTRA VOZ DE TIERRA, MEMORIA Y FUTURO foi exibido no Festival Internacional de Cinema de Berlim, na secção Forum, organizada pelo Arsenal – Institut für Film und Videokunst. Décadas depois, o mesmo Arsenal foi responsável pelo restauro digital deste e de outro filme de Marta Rodríguez e Jorge Silva (CHIRCALES, de 1971) no âmbito do projeto *Archive Auber Sich/O Arquivo Fora de Si*, componente cinematográfica de *Das Neue Alphabet/O Novo Alfabeto*, programa alemão realizado entre 2019 e 2022 que pretendeu investigar o modo como os sistemas de codificação – do alfabeto aos algoritmos e ao ADN – moldam o conhecimento e o poder através de mecanismos de padronização e exclusão, e sobre a resistência e subversão dessa rigidez através das práticas artísticas e dos saberes locais ou marginalizados. "Castrados pelo sol" é a primeira frase do filme.

No início da década de 1970, Marta Rodríguez e Jorge Silva trabalhavam numa trilogia sobre a situação do movimento *campesino* colombiano desde os anos 30 até então, um projeto que, nas suas palavras, "procurava responder à interrogação: porquê e de que forma o camponês e o indígena passam da submissão à consciência e à organização através da prática social".

CAMPESINOS (1975), sobre a resistência camponesa e operária, o surgimento das grandes *haciendas* de café e as relações de exploração e servidão contra o latifúndio, acabaria, no entanto, por ser a primeira e a única obra da trilogia, abandonada (apesar de ter sido toda filmada) pela dimensão financeira que implicava. Para além disso, e segundo conta a realizadora Marta Rodríguez, quando CAMPESINOS foi apresentado a indígenas do CRIC (o Conselho Regional Indígena de Cauca, fundado em 1971 para representar os interesses dos indígenas da região), estes não se reconheceram plenamente na abordagem. "O filme continha cenas que os deixaram confusos, por exemplo, aquelas em que um agricultor faz um discurso na Praça de Bolívar e são mostradas imagens dos indígenas. Isto dá a impressão de que eles não têm voz própria e, por isso, precisam que um agricultor fale por eles."

É a partir dessa experiência que surge assim o projeto de NUESTRA VOZ DE TIERRA, MEMORIA Y FUTURO, feito de modo não só *participativo,* mas *partilhado* e *colaborativo* (representantes da comunidade participaram

inclusive ao nível da montagem do filme) com a comunidade da reserva indígena de Coconuco. Tendo como base as lutas pela recuperação dos territórios ancestrais – por decreto real do século XVIII, a comunidade tem direito a 10.000 hectares de terra, mas à data – 1971 – dispunha apenas de 1500 –, em NUESTRA VOZ DE TIERRA, MEMORIA Y FUTURO, Marta Rodríguez e Jorge Silva alteram a sua abordagem anterior, do documentário observacional de cariz etnográfico, referindo que "foi a oportunidade de fazer algo que nos interessava há muito tempo: tentar ir além do documentário tradicional, que geralmente ignora esses níveis de realidade – esquece-os". Porque da experiência anterior se deram conta também que o inexplicável (mesmo a tão terrena injustiça) era explicado pelas comunidades indígenas como de origem sobrenatural, fantasmática, demoníaca. Daí que, numa entrevista de 1982 para a revista colombiana *Arcadia va al cine*, Jorge Silva mencionará ainda Alejo Carpentier, o romancista cubano, e a sua teoria do "real maravilhoso" como uma das inspirações teóricas do filme: "Enquanto o surrealismo procura o maravilhoso e o insólito, o supra-real – uma super-realidade que deixa de lado e rejeita a realidade circundante –, Carpentier descobre esse 'real maravilhoso' justamente na realidade circundante do homem americano. Por isso, afirma Carpentier: 'O real maravilhoso que defendo é o nosso real maravilhoso; é aquele que encontramos em estado bruto, latente, onipresente, em todos os latino-americanos. Porque aqui, na América Latina, o insólito é quotidiano; foi sempre quotidiano'".

Descentralizando o pensamento ideológico na base dos filmes anteriores a favor da incorporação de vozes indígenas (uma história oral, dir-se-ia, e ouve-se a dado momento "esta é a nossa história, é preciso conhecê-la", tal como depois se ouvirá "se não temos história, como é que lutamos?") e da mitologia local, NUESTRA VOZ DE TIERRA, MEMORIA Y FUTURO funde registo direto e encenação (o "Diabo", os *gringos* – e note-se os planos das esporas que pontuam a narrativa), entrelaçando as duas crónicas – a história da Conquista (os "vencedores" não reconhecidos, representados pelas estátuas de pedra persistentes), a história da sua luta, as histórias dos mitos locais e das pessoas reais, naquela que é também uma luta pela sobrevivência cultural a partir de uma revisão crítica do passado e da história.

T. Borges